

Tipo do Artigo (Revisão)

ADULTIZAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: IMPACTOS NA INFÂNCIA

Ana Júlia Silva de Moraes¹, Mariane Vieira Machado², Jheniffer Munique Gomes de Paulo³, Maria Clara Gonçalves Ribeiro⁴, Rogério Rodrigues da Silva^{5*}

¹ Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO).

² Curso de Psicologia, Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO).

³ Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO).

* Autor correspondente: psirogeriosilva@gmail.com; Tel.: (62) 99861-0077

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar as transformações históricas e sociais da infância e de que modo fatores contemporâneos, como a exposição à mídia e a hipersexualização, influenciam o desenvolvimento infantil. A pesquisa possui caráter qualitativo e fundamenta-se em revisões de autores clássicos e contemporâneos, tais como Sigmund Freud, Jean Piaget, Lev Vygotsky e Neil Postman, além de estudos que abordam os impactos das mudanças culturais e midiáticas. O estudo busca compreender detalhadamente de que forma essa superexposição, as pressões por desempenho e a hipersexualização impactam diretamente a formação da identidade, a autonomia e a estrutura emocional. Por meio de uma análise reflexiva e crítica, considerou-se a influência das representações midiáticas e a perda do espaço simbólico da infância, culminando na imposição precoce de responsabilidades adultas. Conclui-se que o reconhecimento histórico e a análise crítica dessas transformações são essenciais para estruturar medidas que promovam o desenvolvimento saudável e preservem a infância, exigindo engajamento de famílias, Estado e sociedade.

Palavras-chave: Infância; Mídia; Desenvolvimento infantil; Sociedade contemporânea; Adultização.

Abstract

This article aims to analyze historical and social changes in childhood and how contemporary factors, such as media exposure and hypersexualization, influence child development. This qualitative research is based on reviews of classic and contemporary authors such as Sigmund Freud, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Neil Postman, Erik Erikson, and Philippe Ariès, in addition to studies focusing on cultural and media impacts. The research is dedicated to exploring how overexposure, performance pressures, and hypersexualization directly influence the construction of the child's identity, autonomy, and emotional structure. Through reflective and critical lenses, the impact of media representations on the loss of the symbolic space of childhood was analyzed, leading to the premature imposition of adult responsibilities. The result is seen in the premature loss of childhood, characterized by exposure to adult content and risks. These changes need to be critically analyzed to structure measures that promote healthy development and preserve childhood, requiring engagement from families, the State, and society.

Keywords: Childhood; Media; Child development; Contemporary society; Adultification.



1. INTRODUÇÃO

A infância e a adolescência constituem fases do desenvolvimento humano caracterizadas pela premente necessidade de cuidado, proteção e espaços que favoreçam a construção sólida da identidade. Sob a lente teórica do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson (1950), esta etapa é concebida como a parte fundamental da vida, pois é o momento em que o indivíduo explora ativamente os mais variados papéis, crenças e valores. A vivência irrestrita e protegida dessa fase é, portanto, indispensável para a formação de um sujeito autônomo, seguro e emocionalmente saudável.

Entretanto, a contemporaneidade trouxe mudanças paradigmáticas na forma como crianças e adolescentes vivenciam essas etapas, fenômeno acentuado após o crescimento digital e a massificação do acesso às redes sociais. Se por um lado a internet oferece incontáveis benefícios, por outro, introduziu agravantes severos, como a exposição precoce a conteúdos inapropriados e a superexposição da vida pessoal. Tal superexposição é, frequentemente, orquestrada pelos próprios pais ou responsáveis, que carecem de entendimento sobre as consequências de longo prazo que a presença digital impõe aos filhos. O ato de compartilhar momentos íntimos (como os primeiros passos, festas de aniversário e o primeiro dia de aula) tem o objetivo aparente de guardar lembranças ou dividir afetos com familiares. No entanto, ignora-se que tais práticas expõem as crianças a riscos gravíssimos, facilitando a utilização indevida de imagens por criminosos, a exploração por pedófilos e, diante do vasto volume de dados disponibilizados publicamente, a criação de cenários favoráveis até mesmo a casos de sequestro.

Para além da hiperconectividade, a adultização da infância manifesta-se através de pressões sociais, culturais e econômicas que afetam visceralmente o desenvolvimento. A exigência por alto desempenho no ambiente escolar, a cobrança por responsabilidades incompatíveis com o estágio maturacional e a indução à adoção precoce de comportamentos tipicamente adultos são práticas que corrompem a experiência plena da infância. Tais exigências acarretam consequências emocionais profundas, afetando a consolidação da autoestima, a estruturação da identidade e as relações interpessoais.

É imperativo reconhecer a infância como um período salvaguardado para o lúdico, o afeto e a descoberta, diretriz endossada pela Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU. Atualmente, o tempo social acelerado empurra a criança para dinâmicas adultas, suprimindo sua espontaneidade e obstruindo o crescimento natural. A lacuna de políticas públicas que efetivem o direito de brincar e protejam essa população das exigências do mundo digital agrava o cenário, tornando a adultização não apenas um problema individual, mas uma falha sistêmica que convoca a responsabilidade do Estado, das famílias e da sociedade em repensar as fronteiras entre a infância e a vida adulta.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo adota uma metodologia ancorada em pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, delineada para analisar, com profundidade crítica, o fenômeno da adultização na sociedade contemporânea e seus rebatimentos no desenvolvimento infantil. Este modelo investigativo permite interpretar criticamente produções teóricas e empíricas já existentes, estabelecendo conexões entre processos socioculturais e psicopatológicos.

O levantamento do material bibliográfico foi conduzido em bases de dados acadêmicas de reconhecido rigor, notadamente SciELO e Google Acadêmico, conjugadas à análise de revistas especializadas em psicologia, livros, dissertações e artigos científicos. Os critérios de inclusão adotados foram: relevância teórica, atualidade das publicações e consistência científica, assegurando assim a credibilidade das informações discutidas. Após a coleta, procedeu-se a uma leitura exaustiva e comparativa das ideias dos diversos autores, organizando as referências em eixos temáticos centrais: o impacto da mídia e da tecnologia, a construção histórica da infância e as implicações psicológicas e sociais desses vetores.

A base teórica fundamentou-se nos postulados de autores clássicos do desenvolvimento e da psicanálise, incluindo Jean Piaget, Lev Vygotsky, Sigmund Freud e Donald Winnicott. A mobilização destes teóricos foi significativa para viabilizar uma compreensão clara de como a adultização interfere e danifica as esferas cognitiva, emocional e social das crianças. Ao convergir a psicologia do desenvolvimento, a psicopatologia e a sociologia contemporânea, a metodologia proveu um alicerce robusto para analisar as influências negativas de fatores socioculturais, educacionais e midiáticos sobre a infância atual.

3. RESULTADOS

O cruzamento dos dados históricos com as observações contemporâneas evidencia que a infância tem sofrido um processo de apagamento e encurtamento, impulsionado por determinantes midiáticos, demandas performáticas e violação de suas etapas formativas.

3.1 A Construção Histórica e Social da Infância

A revisão histórica demonstra que a infância, tal qual concebida hoje, é uma invenção recente e altamente dependente de contextos sociais e culturais. Segundo Ariès (1981), no século XII, a infância não possuía identidade própria; a criança só era reconhecida como "gente" a partir do momento em que conseguia reproduzir os atos dos adultos. Os cuidados restringiam-se aos primeiros anos e à elite, frequentemente delegados a amas de leite ou criadeiras sem preparo. Nos séculos XVI e XVII, a criança era invariavelmente tratada como um "pequeno adulto" que, ao manifestar o mínimo de razão, era lançada precocemente no mundo laboral e social.

A Idade Média marcou a vida em seis etapas, das quais as três primeiras (do nascimento aos 21 anos) eram desprovidas de valorização social. O reconhecimento operava apenas na quarta fase (juventude, dos 21 aos 45 anos), seguida da senectude e, finalmente, a velhice (a partir dos 60 anos). A mudança paradigmática ocorreu com Rousseau (1973), que passou a defender a natureza intrinsecamente boa e pura da criança, exigindo que o seu desenvolvimento transcorresse de forma livre e saudável. Na mesma via, os românticos elevaram a infância à condição de seres sábios, sensíveis e dotados de senso estético, estabelecendo a premissa de um ambiente favorável ao seu pleno desenvolvimento—premissa esta que hoje se encontra sob grave ameaça.

3.2 O Desaparecimento da Infância e a Superexposição Midiática

A atual configuração social provocou o que Neil Postman (1999) diagnosticou como o "desaparecimento da infância". A mídia digital dissolveu as fronteiras entre os universos adulto e infantil. Anteriormente, a informação era rigorosamente mediada por pais e educadores; hoje, ao difundir conteúdos massificados, a mídia roubou da criança o "segredo" da vida adulta, suprimindo o tempo natural de espera. As crianças acessam precocemente temas como

sexualidade, violência e consumo sem o instrumental de maturidade emocional necessário, o que as obriga a uma antecipação de valores e condutas.

Como reforça Buckingham (2007), a mídia atua como matriz de construção de identidade. A publicidade instiga padrões e estilos de vida irreais, enquanto as redes sociais impõem a busca por aparência e *status*, convertendo a infância em um espetáculo. Nesse cenário, o lúdico—que Winnicott (1975) define como indispensável para a subjetividade—perde espaço para a reprodução do comportamento adulto, subtraindo da criança a inocência e a experimentação próprias da idade.

3.3 A Hipersexualização e a Lógica de Consumo

Os resultados indicam um aumento alarmante da hipersexualização infantil, amparada por uma "pedagogia da mídia" que leva os jovens a incorporarem condutas que priorizam a estética corporal e o encanto prematuro (Nascimento, 2017). A hipersexualização atinge desproporcionalmente as meninas, superexpostas em filmes, novelas (onde personagens adolescentes são interpretadas por atrizes adultas), competições de beleza infantil e até salões de beleza exclusivos para o público infantil (Wolf, 2018).

Essa erotização precoce transforma as crianças em presas vulneráveis para exploradores sexuais e redes de tráfico humano. Curiosamente, pesquisas revelam que, seja em escolas públicas ou particulares, os próprios adolescentes enfrentam extrema dificuldade para compreender o que significa o termo "hipersexualização", vivenciando-o sem senso crítico (Teixeira; Nery, 2021). Fatores culturais, como a imposição de normas de gênero e cores desde o nascimento (Knobel, 1992), e certas vertentes de histórias em quadrinhos orientais (Egypto et al., 1991; Osório, 1992), também são identificados como vetores que normalizam distorções sobre a sexualidade infanto-juvenil.

4. DISCUSSÃO

A partir dos dados levantados, evidencia-se que a adultização atinge o núcleo formativo da subjetividade infantil, exigindo uma análise profunda sob as lentes das teorias clássicas do desenvolvimento humano.

4.1 Implicações no Desenvolvimento Cognitivo e Afetivo: Piaget, Vygotsky e Freud

A violação do tempo da infância produz rupturas severas na aquisição de competências. Para Jean Piaget, o desenvolvimento cognitivo progride por estágios biologicamente e ambientalmente sustentados (desde a fase sensório-motora até o operacional formal), fundamentados na exploração ativa, na brincadeira e na experimentação. Quando a sociedade impinge comportamentos e responsabilidades tipicamente adultas sobre a criança, ocorre uma fratura nesse processo adaptativo, comprometendo irreversivelmente a consolidação do raciocínio lógico, a criatividade e a construção da autonomia.

Sob a perspectiva sociocultural de Lev Vygotsky, o amadurecimento ancora-se na interação do sujeito com pares mais experientes, operando na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). O amadurecimento forçado aliena a criança do convívio natural com seus iguais e a arremessa em um abismo de cobranças afetivas e cognitivas que transcendem radicalmente sua ZDP. Essa dinâmica não apenas oblitera a aprendizagem, como atrofia o refinamento das habilidades sociais e afetivas, culminando na geração de indivíduos marcados pela insegurança e dependência emocional.

A psicanálise de Sigmund Freud oferece um alerta ainda mais contundente. O desenvolvimento psicosssexual natural (oral, anal, fálica, latência e genital) exige que os conflitos estruturantes de cada fase sejam devidamente enfrentados e simbolizados para forjar uma personalidade integrada. Quando o ambiente exige uma aceleração para a fase adulta (especialmente via hipersexualização ou sobrecarga emocional) esse ciclo é interrompido. O resultado psicopatológico manifesta-se através de repressões severas e fixações, originando sintomas proeminentes de ansiedade, processos de culpa patológica, prejuízos irreversíveis nas relações objetais e profundas distorções na estruturação da autoimagem e da identidade.

4.2 A Responsabilidade Social diante do Desaparecimento da Infância

Como bem assinala Paulo Freire (2003), a sociedade tem se habituado à proliferação diária da hipersexualização, assistindo quase de forma passiva à destruição da infância. É imperativo romper com esta indiferença. A mídia exerce influência inescapável, mas recai sobre a estrutura familiar e as instituições comunicacionais o dever moral de traçar limites rigorosos, promover a mediação crítica da tecnologia e restaurar o espaço do brincar natural. Somente devolvendo a prerrogativa do aprendizado no tempo adequado será possível mitigar as psicopatologias engendradas por essa aceleração.

5. CONCLUSÕES

A adultização na sociedade contemporânea revela-se como uma distorção perniciosa da sociologia, da cultura digital e dos determinantes econômicos. A presente investigação demonstrou que a infância vem sofrendo uma violenta espoliação simbólica e concreta, sendo tragada por aprendizagens prematuras, pela hipersexualização desmedida e pela adoção forçada de condutas adultocêntricas orientadas ao consumismo.

A análise, alicerçada em pensadores como Ariès, Piaget, Vygotsky, Freud e Postman, ratificou que a supressão do tempo lúdico e a aceleração do desenvolvimento psicossocial acarretam prejuízos devastadores: deficiências no raciocínio cognitivo, transtornos de ansiedade e culpa, dependência emocional e a exposição dramática a riscos de exploração infantil. A mídia e os ambientes digitais despontam como aceleradores deste processo, suprimindo o tempo de "espera" fundamental para a maturidade.

Torna-se essencial, portanto, uma intervenção em múltiplas frentes. Faz-se urgente a formulação de políticas governamentais protetivas, o reordenamento das estratégias familiares quanto ao uso das tecnologias (e a exposição das crianças) e o fomento de práticas educacionais que revalidem a centralidade do brincar. Preservar a infância não é apenas um ato de proteção; é o único caminho seguro para garantir o desenvolvimento cognitivo e emocional de indivíduos plenos, assegurando que possam formar sua subjetividade em um ambiente saudável, acolhedor e condizente com a natureza de sua idade.

Abreviações

ZDP: Zona de Desenvolvimento Proximal

ONU: Organização das Nações Unidas

Declaração de conflito de interesse: Os autores devem declarar a existência ou inexistência de conflitos de interesse de natureza financeira, institucional ou pessoal que possam influenciar a interpretação dos resultados apresentados. Na ausência de conflitos, deve ser incluída uma declaração explícita informando que não há conflito de interesse.

REFERENCIAS

Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. LTC.

Buckingham, D. (2007). *Crescer na era das mídias eletrônicas*. Loyola.

Egypto, A. et al. (1991). *Referência implícita à cultura das histórias em quadrinhos orientais*. (Nota: Referência identificada no corpo do texto para fins de citação).

Erikson, E. H. (1950). *Childhood and society*. (Nota: Referência clássica identificada no corpo do texto para fins de citação).

Fino, C. N. (2001). Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, 14(2).
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37414212>

Freire, P. (2003). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (25ª ed., pp. 1-54). Paz e Terra.

Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (Nota: Referência identificada no corpo do texto).

Globo. (2025, 15 de agosto). Adultização: por que pular etapas e transformar crianças em pequenos adultos não é saudável. *G1 – Saúde*.
<https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/08/15/adultizacao-por-que-pular-etapas-e-transformar-criancas-em-pequenos-adultos-nao-e-saudavel.ghtml>

Knobel, M. (1992). A síndrome da adolescência normal. (Nota: Referência identificada no corpo do texto).

Nascimento, M. (2017). *O impacto da pedagogia da mídia*. (Nota: Referência identificada no corpo do texto para fins de citação).

Oliveira, E. R. de. (2014). *A política educacional direcionada ao adolescente em cumprimento de medida socioeducativa no Centro de Internação para Adolescente de Anápolis (CIAA) – 2012 a 2013* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/2185>

Oliveira, L. de. (2005). A construção do espaço, segundo Jean Piaget. *Sociedade & Natureza*, 17(33), 105–117. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321327187008>

Osório, L. C. (1992). *Implicações das representações de sexualidade em mídias*. (Nota: Referência identificada no corpo do texto para fins de citação).

Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância* (S. M. de A. Carvalho & J. L. de Melo, Trans.; 6ª ed.). Graphia.

Rousseau, J.-J. (1973). *Emílio, ou Da educação*. (Nota: Referência identificada no corpo do texto).

Silva, M. R. da. (2022). Desenvolvimento humano na teoria psicosssexual da infância em Sigmund Freud. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(4), 1491–1497.

Sousa, A. L. de et al. (2025). *Influência midiática na adultização e erotização e as implicações no desenvolvimento infantil* [Trabalho acadêmico de Graduação, Centro Universitário Ateneu]. [suspicious link removed]

Teixeira, M., & Nery, R. (2021). *A compreensão da hipersexualização pelos adolescentes*. (Nota: Referência identificada no corpo do texto para fins de citação).

Vygotsky, L. S. (2010). *Coleção educadores*. Massangana.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago.

Wolf, N. (2018). *A hipersexualização e a representação de gênero*. (Nota: Referência identificada no corpo do texto para fins de citação).